



SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE

SILENCES AND CULTURAL CONTRADICTIONS IN THE JUMPING MONKEY HILL BY CHIMAMANDA ADICHIE

SILENCIOS Y CONTRADICCIONES CULTURALES EN THE JUMPING MONKEY HILL DE CHIMAMANDA ADICHIE

Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira¹

e483850

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3850>

PUBLICADO: 08/2023

RESUMO

Durante a pesquisa proposta, objetiva-se analisar em *The Jumping Monkey Hill*, como as construções de diversos silêncios na obra perpetuam ou quebram as relações de racismo e sexismo em África, resultantes do modelo deficiente do patriarcalismo eurocêntrico. A análise parte dos pressupostos dos estudos relacionados à Mulherismo Africana e ao silêncio, especificamente nos trabalhos de Dove (1998), Hudson-Wemms (2020), Davis (2013 - 2016), de Orlandi (2007) e de Perrot (2005), que englobam tanto o teórico quanto o aplicável à análise literária pós-colonial e ao estudo do silêncio. O objetivo consiste em observar como o sistema patriarcal possui *déficits* de estruturação e instaura silêncios diversos e como, através da observação feita no silêncio, é possível alterar a norma que este sistema apresenta como natural. Às pessoas subjugadas à condição de exclusões por sua cor e sexualidade, irrompem sentimentos de angústia e despertencimento, que moldam prisões sociais que oprimem e silenciam suas vozes. É então, a partir da escuta dessas vozes, e principalmente dos sentidos possibilitados pelos seus silêncios, que se torna possível revelar um processo autêntico e profundo de identidade, de autoconhecimento e de resistência no qual a luta anti-patriarcal e diversas dimensões dos silêncios movem-se juntos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Literária Pós-colonial. Silêncio e Resistência. Mulherismo Africana.

ABSTRACT

During the proposed research, the aim is to analyze how the constructions of various silences in "The Jumping Monkey Hill" perpetuate or break the relationships of racism and sexism in Africa, stemming from the flawed model of Eurocentric patriarchy. The analysis is based on the assumptions of studies related to African Womanism and silence, specifically in the works of Dove (1998), Hudson-Wemms (2020), Davis (2013 - 2016), Orlandi (2007), and Perrot (2005), which encompass both the theoretical and applicable aspects of post-colonial literary analysis and the study of silence. The objective is to observe how the patriarchal system has deficits in its structure and establishes various silences, and how through the observation made within silence, it is possible to alter the norm that this system presents as natural. For those subjected to exclusion based on their race and sexuality, feelings of anguish and lack of belonging erupt, shaping social prisons that oppress and silence their voices. Thus, it is from listening to these voices, and primarily from the meanings enabled by their silences, that it becomes possible to reveal an authentic and profound process of identity, self-awareness, and resistance in which the anti-patriarchal struggle and diverse dimensions of silence move together.

KEYWORDS: Post-colonial Literary Analysis. Silence and Resistance. African Womanism.

RESUMEN

Durante la investigación propuesta, el objetivo es analizar cómo las construcciones de varios silencios en "The Jumping Monkey Hill" perpetúan o rompen las relaciones de racismo y sexismo en África, derivadas del modelo defectuoso del patriarcado eurocéntrico. El análisis se basa en las premisas de

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Mestranda em Literatura e Historicidade pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Áreas de Interesse: Literatura com ênfase em Estudos de Cultura, Análise de Discurso, Crítica Literária e Tanatologia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

los estudios relacionados con el Mujerismo Africano y el silencio, específicamente en las obras de Dove (1998), Hudson-Wemms (2020), Davis (2013 - 2016), Orlandi (2007) y Perrot (2005), que abarcan tanto los aspectos teóricos como los aplicables del análisis literario poscolonial y el estudio del silencio. El objetivo es observar cómo el sistema patriarcal presenta déficits en su estructura e instaura varios silencios, y cómo a través de la observación realizada en el silencio, es posible alterar la norma que este sistema presenta como natural. Para aquellos sometidos a la exclusión basada en su raza y sexualidad, surgen sentimientos de angustia y falta de pertenencia, dando forma a prisiones sociales que oprimen y silencian sus voces. Así, es a partir de escuchar estas voces, y principalmente a partir de los significados habilitados por sus silencios, que es posible revelar un proceso auténtico y profundo de identidad, autoconciencia y resistencia en el que la lucha antipatriarcal y las diversas dimensiones del silencio avanzan juntas.

PALABRAS CLAVE: *Análisis Literario Poscolonial. Silencio y Resistencia. Mujerismo Africano.*

INTRODUÇÃO

Chimamanda Ngozi Adichie, é ativista, palestrante e autora de obras literárias e discursos inspiradores. Nascida em 1977, em Enugu, na Nigéria, a quinta filha de seis irmãos de professores universitários, cresceu com sua família em Nsukka, na mesma casa que antes fora de Chinua Achebe. Estudou medicina e farmácia durante um ano, contudo, aos 19 anos, tendo recebido uma bolsa de estudos, mudou-se para os Estados Unidos. Lá, formou-se em comunicação e ciências políticas, mestrou-se em escrita criativa em 2003, mesmo ano em que publicou seu primeiro livro *Hibisco Roxo* (2003), obra que aclamada pela crítica. Desde então, acumulou diversos prêmios e nomeações, seja por sua carreira acadêmica que se estendeu a outro mestrado em Estudos Africanos em 2008, passando por *workshops* renomados como os ofertados pelas plataformas *TEDx*, à seus livros, intensos e representativos como *Meio Sol Amarelo* (2006), *No seu pescoço* (2009), *Americanah* (2013), *Para educar crianças feministas* (2017), e mais recentemente *Notas sobre o luto* (2021), carreira que consolida sua posição como uma das pesquisadoras mais influentes sobre estudos de cultura.

Por meio de suas narrativas, Adichie desafia as representações simplistas de África vistas pelos outros continentes, oferece uma visão mais complexa e realista, revelando a riqueza de culturas, experiências e perspectivas que permeiam o continente africano. Ao fazê-lo, molda o discurso literário global e desempenha um papel fundamental na promoção da justiça social e da igualdade. Contos como *The Jumping Monkey Hill*, presente na coletânea disposta em *No seu pescoço* (2009), são, portanto, espaços para que o leitor reflita sobre os próprios locais enquanto corpos sociais e preconceitos produzidos/adquiridos por sua cultura.

The Jumping Monkey Hill gira em torno das experiências de Ujunwa, uma jovem mulher nigeriana que participa de uma oficina de escrita realizada em um *resort* com o mesmo nome que o título do conto. A história explora temas pertinentes ao racismo estrutural, apropriação cultural e dinâmicas de poder perceptíveis pelo olhar de Ujunwa. Conforme a protagonista passa seus dias interagindo com os outros participantes do evento se sente cada vez mais desconfortável, pois testemunha as dinâmicas de privilégio entre os participantes e o organizador do evento, Edward. Ao enfrentar discriminações, atitudes condescendentes e falta de compreensão por parte dos seus



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

colegas escritores, além dos *feedbacks* insensíveis de Edward sobre as dinâmicas de relações em África, seu desconforto torna-se voz, indagando dentro de si o Ujunwa desenvolve a escrita de um conto que retrata sua visão sobre as realidades da mulher africana em busca de identidade e emprego em África. Ao ser confrontada com a inviabilidade do que descreve em seu conto ser 'África' por Edward, Ujunwa revela que a história que compôs, era uma realidade vivida por ela mesclada ao conto, o que se confirma com a forma como a narrativa é disposta ao leitor.

A narrativa presente no conto pode ser entendida como viabilidade à discussão pertinente aos desafios enfrentados pelos escritores africanos ao navegar pelo mundo literário ocidental e sobre a importância da autenticidade e da representação genuína na narrativa. A história de Adichie, explora a forma como o poder e o privilégio podem moldar as interações e perspectivas, mesmo em espaços aparentemente inclusivos, como oficinas de escrita.

Com essa estratégia, Adichie torna possível a compreensão, através de sua escrita carregada de silêncios, aos leitores homens como é sentir-se um 'objeto', aos brancos a sensação de ser vista como 'animal exótico' e, aos ocidentais o que significa ser simplesmente taxada de 'africana', como se não existisse diversidade no continente. Uma análise sobre a forma como os silêncios moldam e são moldados por Adichie, possibilita a compreensão de diversos microssistemas que escancaram o macrosocial que sustenta opressões raciais, étnicas e de gênero no conto e por consequência, nos ajudam a repensar essas sistêmicas no mundo concreto.

A compreensão de que o silêncio estabelece a base primordial para a representação do mundo e do sujeito infunde profundidade na relação entre linguagem e imaginário. É dentro desses intervalos de silêncio que o imaginário possível se esculpe através dos processos discursivos, fazendo do silêncio uma ferramenta intrinsecamente ligada à representatividade. Considerando que uma mesma realidade pode abarcar diversos significados para diferentes indivíduos, a relação entre sujeito e objeto se torna um terreno fértil para a contraposição entre materialismo e história, considerarmos a elucidação através de pontos que se opõem ao construto imposto pelos sistema nos quais estamos inseridos, cria a possibilidade de indagarmos determinadas ações prejudiciais e assim, melhorarmos tanto a nós mesmos, como possibilitar a mudança dos paradigmas que nos anulam.

A partir dessa perspectiva, o 'efeito de sentido' gerado pela interação de múltiplos significados que provoca uma profusão de compreensões da mesma narrativa, faz surgir a possibilidade de novas possibilidades interpretativas na mundividência do receptor. Portanto, surge, assim, a complexidade que extingue equívocos, evocando uma interpretação que ressoe de maneira mais clara e lógica. Cada categoria de silêncio, seja ele histórico, contemporâneo, político ou pessoal, agrega nuances peculiares à compreensão textual. Ao integrar essa categorização com os efeitos de sentido propostos, a análise é enriquecida, proporcionando uma exploração mais aprofundada das múltiplas camadas que compõem os discursos e do vasto espectro de significados que emergem da interação entre silêncio e palavra.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

A proposta consiste então em analisar diversos tipos diferentes de silêncio no conto de Adichie, somados ao estudo do Mulherismo Africana, já que as noções apresentadas pela protagonista do conto não abrangem somente questões feministas, nem tampouco africanas, Unjunwa parece estar preocupada em relações saudáveis entre homens e mulheres, independentemente de suas orientações sexuais ao longo da narrativa. Embora a personagem esteja em seus primeiros passos em direção a sua emancipação mental e financeira, a concepção de Ujunwa também é uma reivindicação do olhar da posição do matriarcalismo, da mulher melaninada africana, do não-sexismo imposto às mulheres e homens de uma forma geral, demonstrando assim, fortes traços de luta coletiva, que embora em casos separados atendam às agendas do feminismo africano e negro (Hudson-Weems, 2020, p. 44), somente na agenda do Mulherismo Africana possuem total acolhida. Em um exercício que visa a compreensão da relação entre silêncios e construção de identidades, além de viabilizar o questionamento de como o silêncio torna-se ferramenta de manutenção do poder hegemônico de uma matriz cultural e ao mesmo tempo, é espaço para que se repense noções cristalizadas para que sejam rompidas as cadeias que sustentam este mesmo poder. Utilizando a cultura como arma de resistência, com base para uma nova ordem mundial, torna-se então, sob perspectiva do modelo Mulherista, um estudo sobre o conceito de reAfricanização¹.

Conjuntamente a essa pesquisa, seja pela complexidade das análises sobre a condição da mulher na história em seu enlace silencioso, ou pelo enfoque específico das noções de igualdade e diferença entre os sexos, Perrot (2005) contribui quando necessário um apanhado de percepções que identificam o indivíduo 'condicionado ao feminino enquanto ser para o silêncio: mulher'. Segundo Perrot (2005), a suposição se baseia em como fundamentalmente na cultura ocidental, mulheres foram e são constantemente condicionadas a locais aos quais não podem falar ou são silenciadas. A provocação gera então dúvidas: Quem e como essas vivências chegaram a tal ponto? Além de ser impossível não questionar: Por qual motivos as (nos) mantemos neste jogo? E ainda: Se conforme estabelece Gilroy (1965), opressor e oprimido saem lesados de toda e qualquer relação de poder e subserviência, os homens, estão cientes do que o que fazem é tão prejudicial a eles quanto a nós, e se não, por que não estão tendo essa educação?

Realizar uma análise das imposições feitas em *The Jumping Monkey Hill* (2009), utilizando como base seus silêncios, cria portanto, a possibilidade de que perguntas como as acima, possam ser respondidas sobre dinâmicas em África, e o caminho para que pensemos para além de um estudo de cultura em um determinado espaço e compreensão e nos possibilite estender a dinâmica entre silêncios e significados, para estabelecermos conscientes, planejamentos de acolhimento que inviabilizem sistêmicas sexistas, excludentes e racistas, implantadas em nível mundial.

¹ Reafricanização é um termo usado por Amílcar Cabral (1973), no discurso chamado *Libertação Nacional e Cultura* entregue em 1970, que é definido como um processo de recuperação que os povos africanos colonizados pelos europeus (nesse contexto discursivo, mais especificamente, os portugueses), devem por necessidade, apreciarem sua herança cultural africana. Esse processo fornece uma base para contestar a imposição de valores culturais europeus que servem para degradar a África como uma parte integrante da conquista (DOVE, 1998, p. 21).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

DES VENDANDO AS CAMADAS DO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA EM *THE JUMPING MONKEY HILL*

The Jumping Monkey Hill oferece uma janela penetrante para as interseções complexas entre identidade, poder e opressão, ambientadas no contexto literário. Composto pela história de Ujunwa Ogundu, uma jovem nigeriana selecionada juntamente com um grupo de outros jovens escritores a participar de um *workshop* para Escritores Africanos, cuja dinâmica do evento organizado por Edward Campbell, um inglês com certa autoimposta expertise em África, tem como objetivo criações de histórias que tenham o perfil africano para serem expostas em um jornal inglês. Dando ao vencedor de melhor história, um prêmio de escrita literária, determinado valor em dinheiro e a publicação da obra no *The Oratory*. A comissão de julgamento para classificá-las é Edward, com a liderança subsequente do líder de oficina também de sua escolha, embora outros participantes, ao ouvirem os contos, também pudessem dizer o que pensavam.

O conto desenrola-se através da perspectiva de Ujunwa durante o *workshop*, em dinâmicas em que ela se encontra em constante batalha contra o machismo, o racismo e outras formas de discriminação. Através do olhar de Ujunwa, o leitor é levado a uma jornada de descobertas e confrontos. Enquanto a protagonista testemunha e sofre diversas formas de subjugação e marginalização, sua existência na narrativa evidencia as complexidades da opressão interseccional, pois ela enfrenta desafios não apenas por ser mulher, mas também por ser africana, em um ambiente que mantém padrões eurocêntricos e estereótipos ainda que não sejam locais Europeus.

A obra deixa clara a crítica social ao desequilíbrio de poder e à narrativa hegemônica que frequentemente silencia vozes marginalizadas. Os conflitos gerados pelo ego de Edward e pela dinâmica entre os participantes do *workshop* refletem a percepção de que os espaços que deveriam capacitar e elevar as vozes africanas são frequentemente controlados por narrativas e perspectivas ocidentais. Ao iluminar essas lutas dentro do contexto literário, *The Jumping Monkey Hill* não apenas lança luz sobre as injustiças, mas também estimula o leitor a questionar e reavaliar sua própria compreensão do poder, privilégio e representatividade nas esferas da literatura e da vida.

No conto de Adichie, existem diversas possibilidades de interpretação, tantas quantas são as possibilidades de leitura, contudo, ao ser posta a viabilidade de analisá-lo sob a perspectiva do estudo dos silêncios, existem pontos aos quais a presente pesquisa se debruça. As condições de submissão vindas da condição de segundo sexo², como a categorização de sua classe social, a imposição à sexualidade, desemprego, pobreza e questões de visibilidade, sentimentos de não-pertencimento, se unem à perspectiva de racismo. Todos estes aspectos são frutos inegáveis de um grande denominador comum que exclui e categoriza corpos, o patriarcalismo eurocêntrico, portanto, são pontos para compreender a luta da jovem nigeriana, e com eles, seus silêncios. Sejam estes silêncios de espera; resistência; conformismo ou revolta dos processos de repressão das mulheres de terceiro mundo (Akotirene, 2019). Desse modo, especificamente quando posta em análise a mulher negra neste

² Termo de designação auferido por Simone de Beauvoir em seu livro (1949), com o mesmo título.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

contexto literário, devemos considerar que as inúmeras opressões sofridas são infligidas a elas não somente por serem mulheres, mas sobretudo porque são mulheres que vivem em uma sociedade dominada pelos homens (Hudson-Weems, 2020).

A luta das mulheres africanas como uma contraposição ao sistema patriarcal predominante, de modo indissolúvel, entrelaça à busca pela equidade de gênero, noções de racismo estrutural que permeiam a sociedade contemporânea. Na escrita de *The Jumping Monkey Hill*, a primeira noção exposta é o racismo estrutural. Isso se dá desde a concepção do nome do conto, o mesmo que o do resort. A escolha feita por Adichie, aborda questões provocativas relativas ao racismo velado — um tipo de silêncio de intermédio, que naturaliza a opressão — onde colonialismo e a diminuição do outro pelo exótico se dão desde a estruturação do *resort*, como os nomes das cabines e materiais escolhidos para sua construção:

Nomes como CABANA DE BABUÍNOS e ESPAÇO DO PORCO-ESPINHO estavam pintados à mão ao lado de portas feitas de madeira que davam para os caminhos de paralelepípedos, as janelas foram deixadas abertas para que os hóspedes acordassem com o farfalhar das folhas de jacarandá e o bater constante e calmante das ondas do mar. Bandejas de vime continham uma seleção de chás finos. No meio da manhã, discretas empregadas negras faziam as camas, limpavam as elegantes banheiras com pés, aspiravam o tapete e deixavam flores silvestres em vasos feitos à mão (Adichie, 2010, p. 95, destaques da autora).

Esses racismos velados criam a fundação para que a protagonista possa inferir percepções sobre o racismo estrutural durante toda a narrativa. Com sua sutileza, a narradora explora em forma de crítica toda a situação, dando ao leitor uma amostra da forma como lidará com as experiências seguintes no *resort*, as quais será levada a vivenciar:

O nome em si era incongruente, e o resort tinha certa complacência bem fundamentada sobre isso, o tipo de lugar onde ela imaginava ricos turistas estrangeiros correndo de um lado para o outro tirando fotos de lagartos e depois voltando para casa ainda sem saber se havia mais negros do que lagartos agama-de-cabeça-vermelha na África do Sul (Adichie, 2010, p. 95).

Estão presentes também, além da visibilidade do ambiente do *resort*, categorizações pelas quais o corpo de Ujunwa tem tratativa durante a obra. Resultantes da concepção europeia de valorização humana. Um reflexo que infiltra raízes em África até hoje. Esse processo, é intrinsecamente proposto por silêncios e é através deles que sua força se transforma. Para compreender a ligação entre a visibilidade de Ujunwa e seus silêncios, há a necessidade de pensar historicamente sobre o modelo que Diop (1959), aponta como teoria de berço³, na qual as agressões moldam a inferioridade dos não-

³ Diop, segundo Dove (1998, p. 8), argumenta que há dois berços distintos da civilização – o berço sul: África, e o berço do norte: Europa, que criaram os modos de estruturas sociais quase antiéticas entre si. África, onde a humanidade se iniciou, produziu sociedades matriarcais. Com o tempo, a migração dos povos para o clima do norte produziu sociedades patriarcais centradas no sexo masculino. Com essa argumentativa, o autor desafia teorias europeias evolucionistas que afirmam que o matriarcado é um estágio inferior no desenvolvimento humano e na organização social. Ele atribui matriarcado para um estilo de vida agrária em um clima de abundância e patriarcado às tradições nômades decorrentes de ambientes agressivos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovic de Oliveira

homens heteronormativos brancos. O processo resultante dessas agressões ocupa espaço na narrativa em diversos momentos e tem como personagem desencadeadora, Edward, que extensivamente propicia a perspectiva desrespeitosa patriarcal, vislumbrada por Ujunwa:

Edward mastigou seu cachimbo pensativo antes de dizer que histórias homossexuais desse tipo não refletiam realmente a África.

“Qual África?” Ujunwa deixou escapar.

[...] Então ele olhou para Ujunwa da maneira que se olha para uma criança que se recusa a ficar quieta na igreja e disse que não estava falando como um africanista treinado em Oxford, mas como alguém que estava interessado na África real e não na imposição de ideias ocidentais em locais africanos.

[...]“Quão africano é para uma pessoa dizer à sua família que ela é homossexual?” Edward perguntou.

A senegalesa explodiu em um francês incompreensível e, em seguida, após um minuto de fala fluída, disse: ‘Sou senegalesa! Eu sou senegalesa!’ Edward respondeu com a mesma rapidez em francês e depois disse em inglês, com um sorriso suave: “Acho que ela exagerou no excelente Bordeaux”, o que fez o ugandense rir alto demais (Adichie, 2010, p. 102, destaques da autora).

Quando em debate tanto a concepção sexista de Edward, no excerto acima, quanto o racismo estrutural presente intrinsecamente ao pensamento de que ‘sabe mais’ que os outros participantes, temos também um vislumbre dos processos que Ujunwa viverá durante a narrativa, na qual a personagem busca a si própria e seu lugar “com a consciência de que não poderá arcar com nenhuma forma de subjugação feminina, nem tolerá-la” (Hudson-Weems, 2020, p. 50). O embate entre a cosmovisão da personagem em choque com a cultura advinda da Europa, está intimamente ligado a termos de matriz africana como a concepção da mulher enquanto parceira igual do homem em contraposição ao idealizado processo europeu da mulher enquanto o ser advindo da costela do parceiro, por consequência um subproduto dele.

Seja por meio de imposições, seja por silenciamento, o apagamento da voz do outro ocorre através dos atos de Edward, peça fundamental na narrativa enquanto a segunda parte que compõe a perspectiva de valores opostos do Mulherismo/Patriarcalismo. É através dele em que majoritariamente noções eurocêntricas são dispostas, embora isso possa ser visto também através das ações de sua esposa Hillary, além de espaços como o *resort*. Já Ujunwa, desenvolve o papel oposto, ainda que de forma larval, discorda, e aos poucos, durante o conto, metamorfoseia-se assumindo uma posição totalmente contrária ao imposto pela cultura dominante, enfoque que prioriza não só a visibilidade de mulheres, como de homens em esferas existenciais plenas.

A forma como Edward descaracteriza a tudo e todos em benefício próprio molda todo o desgosto de Ujunwa pela atmosfera do *workshop* que se desenrola. Desrespeitos estes, estão presentes nos comportamentos de Edward de tal forma, que sua naturalização chega a passar por cima da etiqueta mínima das concepções da própria noção eurocêntrica de matrimônio e etiqueta, ambos pontos vistos quando Edward expõe seu desejo ao corpo de Ujunwa:

Ujunwa notou que todos os assentos sob os guarda-chuvas estavam ocupados. Estava quente e ensolarado. “Eu não me importo em sentar ao sol”, disse ela.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

“Você gostaria que eu me levantasse para você Edward?”

Prefiro que você se deite para mim — disse ele. O momento era úmido, espesso, um pássaro grasnou ao longe. Edward estava sorrindo. Os outros na mesa não o tinham ouvido (Adichie, 2010, p. 102, destaques da autora).

Ujunwa não fica confortável com o ocorrido, porém responde positivamente ao assédio de Edward, rindo. Enquanto cala e assente perante o desrespeito, se pergunta o motivo pelo qual agiu dessa forma:

Sentada lá, olhando para a noite escura, ouvindo vozes abrandadas pela bebida ao seu redor, Ujunwa sentiu uma explosão de auto-aversão nascendo no fundo do estômago. Ela não deveria ter rido quando Edward disse: “Prefiro que você se deite para mim” Não tinha sido engraçado. Não tinha sido nada engraçado. Ela tinha odiado, odiado o sorriso em seu rosto, o vislumbre de dentes esverdeados e a maneira como ele sempre olhava para os seios dela e não para o rosto e ainda assim ela se fez rir como uma hiena enlouquecida. Pousou a taça de vinho pela metade e disse: “Edward está sempre olhando para meus seios” (Adichie, 2010, p. 104).

A tomada de atitude e sua posterior indignação é um fator que indica o conflito entre o que é ensinado socialmente que uma mulher ‘deve fazer’ versus o que ela ‘sente que deve fazer’. A situação está repleta de silêncios, contudo, o mais preponderante é o silêncio da subserviência feminina que Perrot (2005, p. 432) defende como:

[...] uma ardente realidade. Nestes tempos - de grande mediatização, as mulheres correm o risco - de ser mais do que nunca uma imagem-tela, ao mesmo tempo máscara lisa das identidades particulares, e tela oferecida para a projeção das fantasias mais diversas. E quando eles a criam - pois acontece cada vez mais - qual é seu grau de liberdade?

No exemplo e em todo o conto, o retrato de Edward poderia ser considerado caricato e forçado caso não fosse extremamente comum observar seus comportamentos lascivos e impositivos na grande maioria dos homens (Perrot, 2005), portanto torna-se uma discussão sobre imposição e sexismo. E mais especificamente no caso do conto de Adichie a submissão da mulher negra, mesclando então a problemática do sexismo à violação étnica. No conto, Edward, ainda, leva consigo, além das marcas sexistas, a imposição racial quando julga que compreende melhor a África do que os outros personagens - africanos - do conto:

A senegalesa leu duas páginas de uma cena fúnebre, parando muitas vezes para beber água, o sotaque ia engrossando à medida que ela se tornava mais emocional, cada *t* soava como um *z*. Mais tarde, todos se voltaram para Edward, até mesmo o ugandense, que parecia ter esquecido que foi líder da oficina. Edward mastigou seu cachimbo pensativo antes de dizer que histórias homossexuais desse tipo não refletiam realmente a África (Adichie, 2010, p. 103).

Somado a essa imposição da verdade e das vontades através do que é tido como certo por Edward, está o construto criado de que homens brancos europeus podem tudo porque são europeus. Esse achismo cria situações que favorecem o descaso com o outro — vistos no conto, inclusive, para além de Ujunwa, seja no assédio de Edward à senegalesa quando investe na história de um sonho



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

com seu umbigo nú, ou quando não respeita a presença de sua esposa no *resort*, assediando outras convidadas sem o menor pudor. Quando situações como essas ocorrem e Ujunwa levanta o questionamento: “Mas por que não dizemos nada?”; “Por que sempre não dizemos nada?” (Adichie, 2010, p. 105), estamos diante de questões que ultrapassam a realidade literária e encontram-se diretamente com o leitor. Quando Ujunwa as faz, possibilitada ao leitor a reflexão sobre a tomada de decisões frente a uma ameaça, e retira todas as situações abusivas do silêncio histórico do qual o homem branco beneficia-se:

[...] Ele parecia desolado, com as mãos entrelaçadas no colo, antes de dizer que Edward era apenas um homem velho e não queria fazer mal. Ujunwa gritou para ele: “Esse tipo de atitude é o motivo pelo qual eles podem matar você e levá-lo para condados e exigirem passes antes que você possa andar em sua própria terra!”, ela parou e pediu desculpas. Não deveria ter dito isso. Não quis elevar sua voz. O negro sul-africano deu de ombros, como se entendesse que o diabo sempre faria o seu trabalho (Adichie, 2010, p. 105).

No exemplo acima, a complexidade das questões raciais e de gênero se torna evidente na interação entre os personagens. A tentativa de retratar Edward como ‘apenas um homem velho’ que não deseja causar mal revela a maneira como certas posturas preconceituosas são minimizadas ou justificadas. A fala de Ujunwa como resposta destaca como a perpetuação desse tipo de mentalidade prejudicial contribui para a violência e a discriminação sofridas por pessoas negras, além de ressaltar a ligação do pensamento à opressão histórica que as pessoas negras enfrentaram, reforçando a conexão entre a narrativa do presente e a luta passada por direitos civis. A referência ao negro sul-africano que deu de ombros, sugerindo que o diabo sempre faria o seu trabalho, reflete uma sensação de fatalismo diante das dificuldades persistentes enfrentadas pelas minorias, enquanto também ilustra a resiliência e a aceitação dessas realidades difíceis.

O conto também, viabiliza discussões nas escritas produzidas no *workshop*, lá Ujunwa dará vida à história de Chioma, uma jovem nigeriana que inicia sua jornada em busca do primeiro emprego, encarando de frente as condições de sexismo, abandono paternal, incertezas e frustrações. Com a história, Ujunwa pretende cumprir com o desafio proposto e, receber o prêmio. Entretanto, o que ocorre não é exatamente o que a escritora espera, quando Edward escuta o que produziu, diz que toda aquela bobagem não reflete África, a diminui — assim como fizera, dias antes, com a senegalesa e seu conto sobre sua relação amorosa com sua falecida amada — situação que faz com que Ujunwa revele sua relação com Chioma: “A única coisa que não acrescentei na história”, disse ela com os olhos no rosto de Edward, “é que depois que saí da casa do *Alhaji*, entrei no jipe e insisti que o motorista me levasse para casa porque eu sabia que era a última vez que eu andaria naquele carro” (Adichie, 2010, p.108). Durante a mescla de indignação, inconformismo e exposição que a quebra do seu silêncio traz, possibilita a reflexão da inconveniência do patriarcalismo eurocêntrico quando precisa lidar com o outro, *o não eu*.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

Quando tratamos da história africana, são indiscutíveis as presenças de silêncios diversos. Desde o holocausto, período de silenciamento e apagamento de seu povo e cultura à inferiorização da etnia com termos como 'raça', os povos africanos passaram a usar junto a tomada de ações, a palavra para reivindicar suas lutas, essas palavras e ações foram, em seu íntimo, moldadas no silêncio do que observa que suas gerações puderam quebrar a barreira criada pela censura europeia (Gilroy, 1965), através da censura - o silêncio imposto - em que proíbe-se ao sujeito ocupar determinados lugares e posições (Orlandi, 2007).

No conto, a jovem nigeriana, expressando-se por meio das palavras, demonstra como o sentimento de desconforto gerado por esse esfacelamento cultural cria margens para questionamentos de adoecimento social, exprimindo até mesmo em seus não ditos, profundidades de sentido que só são possíveis através dos silêncios propostos, conforme evidencia Tofalini (2020, p. 16), já que o silêncio "é o cerne e a força da significação", ainda que se manifeste sem verbalização, é possível observar este processo de contracultura vigente no conto quando Ujunwa relaciona relações entre Inglaterra e África:

Seu tom seria delicado. O mesmo tom que ela usou no dia seguinte no café da manhã quando se sentou ao lado de Ujunwa e disse que certamente, com essa estrutura óssea requintada, Ujunwa tinha que vir da linhagem real da Nigéria. A primeira coisa que veio à mente de Ujunwa foi perguntar se Hillary alguma vez precisou usar o sangue real para explicar a boa aparência dos amigos em Londres (Adichie, 2010, p. 99).

Desse modo, Ujunwa pode ser considerada enquanto o força de significação para a visibilidade da luta africana, possibilitada tanto pelos sentidos de suas falas, quanto de seus silêncios. Com isso, afeta-se a identidade do sujeito-do-discurso, já que a identidade resulta de processos do sujeito pela circulação nas várias formações discursivas disponíveis, que faz com que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de discurso, as palavras também mudam de sentido, ao interrompê-la, interrompe-se o sujeito.

E quando posto em análise o motivo pelo qual Ujunwa passa por todos os acontecimentos da oficina criativa, é pertinente destacarmos ainda questões referentes à carreira profissional da jovem. De modo interligado, toda estruturação da visão da narradora se dá justamente por estar lutando pela busca de emprego. Em África, uma das propostas mais difundidas de cultura matriz é a valorização da mulher, com isso, situações pelas quais ela narra essa busca, como a diminuição do valor da mulher, o sexismo e assédios são vistas na narrativa enquanto ervas-daninhas silenciosas, frutos do patriarcado eurocêntrico na vida da jovem nigeriana. Ao criar Chioma, Ujunwa dá visibilidade a sua luta diária, Chioma é, portanto, a expressão em palavras do silêncio de Ujunwa. Seu conto é composto de vivências misturadas ao ficcional que possibilitam a visualização de algumas situações passadas pelas mulheres africanas em busca de emprego.

Chioma em um primeiro momento, tem a mãe em situação de falência por abandono do pai, uma das perspectivas enfrentadas pela mulher empresária em África. O que a faz buscar seu primeiro



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

emprego. Ujunwa demonstra através de Chioma, a forma como o mercado de trabalho muitas vezes é apresentado a meninas jovens em busca de seu primeiro emprego. Em sua primeira entrevista, Chioma é assediada pelo entrevistador. Posteriormente, em outra entrevista, quando a influência de seu pai consegue um emprego para ela, o cargo possui como atribuições sentar no colo dos clientes e bajulá-los:

O Alhaji é vulgar e expansivo com seu sorriso, seus gestos com as mãos, com sua risada. Yinka já veio vê-lo algumas vezes antes e ele a abraça dizendo algo que a faz rir. Ele olha para Chioma. “Esta aqui é muito boa”, ele diz. Um mordomo serve copos foscos de *chapman*. O Alhaji fala com Yinka, mas olha frequentemente para Chioma. Então ele pede para Yinka se aproximar e explicar as contas de poupança com juros altos para ele, pede para que ela sente em seu colo, ela não acha que ele é forte o suficiente para carregá-la, acha?! Yinka diz que é claro que sim e senta em seu colo, sorrindo um sorriso firme. Yinka é pequena e aceitável; ela lembra Chioma, da mulher-amarela (Adichie, 2010, p. 101, destaques da autora).

Segundo Davis (2019), experiências como estas descritas no conto de Adiche, fazem com que mulheres da classe trabalhadora obrigatoriamente presenciem situações que situam o sexismo no contexto da exploração de classe, e as experiências das mulheres negras, por sua vez, contextualizam a opressão de gênero nas conjunturas do racismo. Quando posta uma análise sobre a busca por um emprego de Ujunwa, é indissociável que se pense em noções de gênero, etnia e sexo e classe social. O conto de Adichie, deste modo, configura um espaço literário para discussões sobre o empoderamento das mulheres negras, africanas e trabalhadoras, rompendo em primeiro momento com o silêncio do assunto no gênero literário, já que ainda que estejamos produzindo mais conteúdos voltados a temáticas como o racismo e o empoderamento feminino como um todo, ainda estamos longe de pensar em uma sociedade que pautas como ‘feminismo’, ‘sexismo’ e ‘racismo’, sejam inviabilizadas por estarmos todos bem estabelecidos e longe de situações de vulnerabilidade.

Steady (2020), considera que o pré-requisito para o empoderamento de mulheres vulnerabilizadas no ambiente de trabalho é a possibilidade de obter um sustento adequado, que vem através do trabalho, Adichie, ao compor *The Jumping Monkey Hill*, traz luz a este processo através da literatura. Pessoas negras no contexto estadunidense no qual Steady (2020) propõe sua análise, têm duas vezes mais chances de estarem desempregadas do que as populações brancas, um número desproporcional dessas pessoas em situação de desemprego e subemprego é composto por mulheres negras, isso refletido socialmente, inclusive em África, cria o estigma da ‘feminização da pobreza’, na qual a assimetria de gênero de manutenção à vida gera um aspecto que mulheres negras tem estado dolorosamente familiarizadas: a realidade da privação econômica desde os tempos da escravidão:

[...] Diversos fatores diferenciam a mulher preta por ter uma ordem diferente de prioridades. Ela é oprimida não simplesmente por causa de seu gênero, mas ostensivamente por causa de sua raça e, para a maioria, essencialmente por causa da sua classe. [...] Para a maioria das mulheres pretas, a pobreza é um modo de vida. Para a maioria das mulheres pretas o racismo também tem sido o obstáculo mais importante na conquista das necessidades básicas de sobrevivência. Através da manipulação do racismo dentro das instituições econômicas [...] O que temos, então,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

não é uma simples questão de gênero ou diferenças de classe, mas sim, uma situação por causa do fator racial, e que tem um caráter semelhante ao de uma escala nacional e mundial (Steady *apud* Hudson-Weems, 2020, p. 41).

Desse modo, as condições pelas quais vivem as mulheres no conto de Adichie são impositivamente desrespeitosas e forçam as mulheres a situações pelas quais não deveriam passar. Ujunwa através de seus pensamentos e da construção de Chioma, indica que discorda com tais imposições, e ao impor suas opiniões, ainda que de modo interiorizado, demonstra que há, dentro de todo esse sistema dúbio, incongruências. Ao abordar esta deficiência sistêmica, a mensagem que o conto abrange acolhe a visibilidade do respeito à mulher, contrapondo as noções patriarcais já intrínsecas ao construto de identidade e deturpações da integridade do corpo feminino, um choque cultural evidenciado pelo silêncio, já que, segundo Perrot (2005), o corpo da mulher não a pertence e quando se dá conta disso, e conseqüentemente da relação sexista nos meios de trabalho, se depara com o construto social extratual do patriarcalismo deficiente e debilitante, que posiciona a mulher negra na dinâmica: cama/vassoura, serviços do setor de empregos amplamente designados a corpos femininos, que comportam a ideia de um engajamento físico ao longo da história, seja por meio da prostituição ou da manutenção da limpeza, corroborando a ideia de que se uma mulher não pudesse vender somente a sua força de trabalho, estaria condenada ao uso do corpo e sem faculdade de alcançar a relativa liberdade de troca.

As opressões vistas em *The Jumping Money Hill*, advindas da disseminação cultural europeia como uma realidade mental, espiritual, física e material, na qual a raça branca é reconhecida como a mais poderosa, que essencialmente controla, dirige e administra os recursos do mundo por meio da estrutura do capitalismo, incluindo as energias dos povos e suas liberdades e pensamentos, pode ser entendida, segundo Dove (2005), enquanto sistêmica de um caso de demência, podendo ser considerada como certo tipo de doença mental, correlata à de raça pura. O apelo que caracteriza a contraposição entre a noção de raça pura em *The Jumping Monkey Hill* sustenta-se na busca entre realidade e ficção. A quebra do silêncio íntimo de Ujunwa, o laço estreito entre a insatisfação e o silêncio é exposto, momento no qual o construto final do silenciamento de um povo que observa, une-se ao silêncio histórico e reverbera sentidos que permitiram o massacre do povo Africano. Desta forma, o pensamento de Ujunwa aproxima-se dos preceitos afrocentrados do Mulherismo Africana quando nega a aceitação às violações europeias.

A percepção profunda de Ujunwa sobre o impacto da opressão cultural europeia, desse modo, transcende os limites da superficialidade e adentra os domínios da realidade mental, espiritual, física e material da realidade concreta. O momento em que Ujunwa quebra o silêncio interno e estabelece um elo entre insatisfação e silêncio lança luz sobre a trama de silenciamento que colabora para a opressão. O conto, fundindo o silêncio histórico com o construto contemporâneo, culmina na exposição das circunstâncias que permitem a permanência de pensamentos adoecedores reais, nos dão retórica para questionar construtos da supremacia racial branca como uma entidade que exerce controle absoluto sobre os recursos do mundo através do capitalismo, dilacerando as energias, as liberdades e os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

pensamentos dos povos, em sua pintura magistral que delinea um quadro sombrio e perturbador, que ao jogar à margens toda a importância e multiplicidade que constroem nossa realidade heterogênea e centraliza um mundo ideal de exclusão homogêneo, pintam à sangue rubro.

CONSIDERAÇÕES

Ao dissecar as complexas construções de silêncio no texto e as que são forjadas por Adichie, uma porta se abre para uma reavaliação crítica dos processos sociais de adoecimento que permeiam a narrativa. As construções de silêncio revelam-se como símbolos tangíveis das mazelas vivenciadas pelas personagens, e uma vez desvendados, abrem caminho para a revisão e desmantelamento das estruturas que perpetuam o sofrimento e a marginalização. Cada silêncio, cada espaço oculto nas palavras, carrega consigo os ecos de histórias reprimidas, as quais, por meio da análise atenta, podem ser libertas e transformadas em agentes de mudança e conscientização.

Na qualidade de conto literário, *The Jumping Monkey Hill* é representação do imaginário não só de sua autora, mas de toda a sociedade da qual fazemos parte. O silêncio, em conjunto com a palavra no conto, emerge como uma poderosa ferramenta capaz de desvelar múltiplas camadas de significados e de moldar o imaginário humano por meio dos processos discursivos.

Ao explorar os silêncios presentes em *The Jumping Monkey Hill*, no conto, obteve-se uma análise que buscou revelar as nuances das relações entre as personagens, oferecendo uma compreensão mais aprofundada das complexas opressões enfrentadas. A incorporação da perspectiva do Mulherismo Africano acrescenta uma dimensão crucial, ampliando a análise para incluir a interseccionalidade das opressões e ressaltando as lutas coletivas, demonstrando viabilidade para além do patriarcalismo.

Assim, a união entre a abordagem do silêncio e o Mulherismo Africano puderam iluminar espaços de reflexão sobre a forma como estruturas sociais e históricas marginalizam vozes femininas e africanas. Através dessa lente, reconhecemos que o silêncio histórico e o silenciamento não são meramente vazios, mas sim instrumentos poderosos de perpetuação de desigualdades. Através da análise conjunta, pudemos explorar os ricos matizes das experiências das personagens, entendendo que as opressões se entrelaçam na teia complexa de relações humanas. Essa abordagem, portanto, nos convoca a considerar não apenas as palavras pronunciadas, mas também os silêncios subentendidos, as entrelinhas e as múltiplas vozes que compõem a heterogeneidade cultural do conto. Ao visualizarmos as perspectivas aqui dispostas, ampliamos nossa visão e enriquecemos nosso entendimento da literatura e das complexas relações humanas que ela espelha.

Além disso, o conto revela a importância da representatividade literária ao dar voz a personagens marginalizadas pela sociedade dominante. Através da personagem Ujunwa e sua experiência com o silêncio imposto pelo patriarcado eurocêntrico, sua autora expõe a realidade enfrentada por muitas mulheres africanas. Através desse processo de escrita reflexiva, o leitor é convidado a reconhecer a complexidade da luta dessas mulheres e a se engajar em uma análise mais



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

profunda da estrutura social que perpetua tal opressão, produzindo reflexões sobre os seus próprios silêncios, que juntos com a palavra e, na mesma medida em que continuam em inesgotáveis mudanças e interpretações, constroem sentidos, e criam a possibilidade da construção do que Adichie (2015, p. 41) afirma ser necessário a todas e todos: uma pele, na qual se esteja melhor e mais verdadeiro com quem se é.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ADICHIE, Chimamanda, Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. Literatura e diáspora. In: **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora** [online]. Brasília: Editora UnB, 2019. p. 79-137. (Pesquisa, inovação & ousadia series). ISBN: 978-65-5846-053-4. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786558460534.0004> Acesso em: 20 mar. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução livre. [S. l.]: Plataforma gueto, 1982.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DOVE, Nah. Mulherismo Africana: uma teoria Afrocêntrica. Universidade Temple. **Jornal de estudos negros**, v. 28, 1998. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/nah_dove_mulherisma_africana_uma_teorja_afroc%C3%AAntrica.pdf Acesso em: 25 mar. 2023.

FREUD, Sigmund. 1856-1939. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Inês A. Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2020.

GILROY, Paul, 1965. **Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HUDSON-WEEMS, Clenora. **Mulherismo Africana: Recuperando a nós mesmos**. Tradução: Wanessa A.S.P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas; SP: Editora Unicamp, 2007.

PEREIRA, Felipe Oliveira. **Traduzindo Jumping Monkey Hill, de Chimamanda Adichie para o português do Brasil: Marcadores culturais e políticos**. 2016. 74f TCC (Licenciatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16423/1/2016_FelipeOliveiraPereira_tcc.pdf Acesso em: 26 mar. 2023.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

SILÊNCIOS E CONTRAPOSIÇÕES CULTURAIS EM *THE JUMPING MONKEY HILL* DE CHIMAMANDA ADICHIE
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: São Paulo. EDUSC, 2005.

TOFALINI, Luzia A. Berloff. **Silêncios e literatura**: construções de sentido em Jerusalém. Maringá: Eduem, 2020.